

CORPO FEMININO NO ESPORTE: ENTRE HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E LESBOFOBIA¹

DRA. VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA

Curso de Educação Física, Universidade do Estado de Mato Grosso
(Cáceres – Mato Grosso – Brasil)
E-mail: vivianeteixeirasilveira@gmail.com

DR. ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Programas de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Programa
de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina; Pesquisador CNPq.
(Florianópolis – Santa Catarina – Brasil)
E-mail: alexfvaz@uol.com.br

RESUMO

Neste artigo ocupamo-nos das relações entre doping e o corpo e a sexualidade de mulheres atletas. O doping/antidoping é objeto de reflexão porque se identifica e se relaciona à produção de atletas mulheres com outros tipos de feminilidades, que fogem do padrão heterossexual. Ao analisarmos os discursos da mídia e do campo esportivo podemos verificar que o doping tem implicações com formas e aparências de algumas mulheres estigmatizadas e julgadas por isso, já que não são somente as suas performances esportivas que interessam, mas a afirmação/confirmação/repressão de que são, “de fato”, mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; esporte; gênero; doping.

1. Este artigo é oriundo de uma tese de doutorado que contou com o apoio financeiro do CNPq (modalidade bolsa de doutorado) e da CAPES (bolsa sanduíche). A tese compõe o programa de pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação, financiado pelo CNPq desde 2005. Argumentos deste artigo podem também ser encontrados em Silveira e Vaz (2014).

GÊNERO E CORPO ESPORTIVO

O corpo pode ser controlado e manipulado por definições de feminilidade heteronormativas², tentativas de normatizá-lo com o intuito de garantir um ideal de forma feminina. Segundo Bordo (1993), esse ideal de corpo feminino no contemporâneo não é apenas magro, mas também moderadamente tonificado e bem torneado. O inevitável aumento dos músculos resultantes do treinamento atlético acaba trazendo um desacordo com esse ideal de corpo feminino.

O esporte faz parte de um movimento mais geral da produção dos corpos contemporâneos. A construção social dos usos e valores do corpo esportivo é particularmente evidente quando levamos em conta as relações sociais de gênero, além das diferenças entre os sexos. Em categorizações como “masculino” e “feminino” e “masculinidade” e “feminilidade”, o resultado do trabalho sobre o corpo, a forma que o esforço do treinamento sobre ele resulta, demonstra os pilares dessas atribuições sobre homens e mulheres. Embora o principal objetivo dos atletas seja o desempenho, suas aparências e seus gestos também são levados em conta, principalmente quando levantam dúvidas sobre suas identidades de gênero.

A pergunta: “São verdadeiramente mulheres?” é recorrente na história das mulheres e do esporte de alto rendimento e não faltam exemplos de casos que abastecem essa confusão em relação a gênero, sexo e sexualidade das atletas³. Analisar a presença das mulheres no esporte em termos da sua aparência e sua relação com o corpo tem se colocado para nós como uma tentativa de mostrar que as mulheres, ao mesmo tempo em que contribuem para a manutenção de uma ordem, também criam uma desordem na “ordem social de gênero”.

No esporte a referência à virilização/masculinização em relação às mulheres ainda persiste. A menção à mulher viril aparece quando ela apresenta algum sinal físico secundário que é atribuído sexual e culturalmente aos homens, como por exemplo: músculos grandes, ombros muito largos, seios pequenos. Aquelas que apresentam esses elementos de aparência andrógina (porque atravessam as fronteiras do que é considerado como um biotipo feminino), muitas vezes, são imediatamente suspeitas quanto à sua identidade como mulher (LOUVEAU, 2000).

2. Heteronormativo significa que apenas o discurso e o padrão de conduta heterossexuais são socialmente válidos, colocando em desvantagem sujeitos que apresentem orientação sexual distinta dela (BUTLER, 1998).
3. Heidi Krieger, hoje Andreas Krieger, está processando o Estado alemão em razão dos sérios danos físicos e psicológicos a que foi submetido ao longo de sua vida esportiva porque seu treinador administrou pílulas de esteroides sem que o atleta soubesse. Os efeitos colaterais foram tão grandes que Heidi optou por fazer a cirurgia de redesignação sexual. Nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), a principal atleta de corrida com barreiras da Espanha, Maria Patiño, foi reprovada no teste de gênero. Embora *parecesse* uma mulher, tivesse as qualidades físicas compatíveis com as demais mulheres, os exames constataram que as células de Patiño tinham um cromossomo Y, ela possuía testículos internos ocultos e não tinha útero e ovários. Portanto, para os parâmetros do Comitê Olímpico Internacional, ela não poderia ser considerada uma mulher. Para mais, consultar Fausto-Sterling (2006).

Por que falar sobre um processo de masculinização das atletas? Porque nesses julgamentos são amalgamados o gênero e o sexo dessas mulheres, que são classificadas por suas diferentes morfologias, pelos efeitos de substâncias dopantes e/ou por seus modos de vida e de sexualidade que, em tese, estariam fora das normas sociais.

É sobre a natureza biológica das mulheres que se constrói o mito da fragilidade feminina e é também neste processo de proibições e recomendações para os sexos que o território do esporte se constitui. Os corpos e as imagens de algumas atletas rompem com esses padrões de feminilidade, fundamentalmente por suas aparências. O “ser feminina” quer dizer que a mulher é frequentemente reduzida a ser percebida como tal.

Num mundo no qual as normas corporais são massivamente midiaticizadas, as aparências e atividades das mulheres são possíveis e desejáveis na medida em que mantêm a definição dominante de feminilidade. Mesmo assim, algumas atletas “criam” a desordem na categorização do sexo porque quebram com essas regras sociais assumindo suas musculaturas e força, impondo novas formas de possibilidades de feminilidades. Por isso o esporte pode ser visto hoje tanto como um espaço de manutenção da ordem de gênero, particularmente legível nos corpos, como também, um território de resistência e/ou subversão desta mesma ordem.

Os meios de comunicação também desempenham papel importante na manutenção do sexo masculino como central no esporte de alto rendimento. A mídia esportiva reproduz as relações e os papéis de gênero apreendidos na cultura hegemônica, heterocêntrica. Messner (2002) define quatro formas de a mídia contemporânea tratar atletas do sexo feminino em suas notícias. Primeiro: abrange, normalmente, os esportes coletivos televisionados, falando pouco sobre a presença das mulheres nos esportes individuais; segundo, a mídia retrata atletas do sexo feminino como mais atrativas quando são heterossexuais que destacam sua feminilidade e sua maternidade. Clasen (2001) argumenta que a cobertura da mídia concentra-se nos tradicionais papéis femininos de família e maternidade, sendo o esporte a segunda realização das atletas. Como terceiro ponto, Messner (2002) afirma que a mídia reafirma o domínio dos homens no esporte por meio de ataques verbais contra atletas mulheres bem sucedidas. E, por último, incorpora a cobertura de alguns atletas excepcionais, a fim de disfarçar as desigualdades existentes na cobertura midiática das mulheres atletas. Ao deslegitimarem as experiências das atletas, mantendo o sexo masculino no centro do esporte, esses discursos midiáticos contribuem para justificar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no campo esportivo.

Um elemento fundamental para pensarmos a promoção de um sexo e de uma ordem social no esporte é o doping. Muitos artigos têm sido escritos sobre o

doping no esporte, com grande interesse nos seus efeitos e nas proibições em torno dele (BLACK, 1996; BLACK E PAPE, 1997; DAVIS E DELANO, 1992; MARQUES; PEREIRA; AQUINO NETO, 2003; SOTTAS ET AL., 2008). Algumas análises sugerem que as proibições do doping têm o efeito de promover uma ordem de sexo e/ou de gênero social.

A produção dos corpos se dá também pelos investimentos farmacológicos, e com o doping não é diferente, fazendo com que um modelo de feminilidade se coloque à deriva pela ameaça de masculinização das atletas.

A prática do doping com o intuito de melhoria de desempenho esportivo é uma preocupação do Comitê Olímpico Internacional mais fortemente presente a partir dos anos 1970. Foi nessa época, especificamente nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) e de Montreal (1976), que a visibilidade da questão tomou forma no corpo das atletas que competiram pela hoje extinta Alemanha Oriental. Nas modalidades de Natação e Atletismo, elas venceram a maioria das provas e, marcadas por uma aparência masculinizada, foram acusadas de doping⁴.

Neste texto, discutiremos como a matriz heterossexual e a concepção de corpo que a sustenta alcançam uma nova forma após o “surgimento” do doping, pois sua entrada no campo esportivo pode trazer à tona outra forma de pensar os corpos femininos no esporte e sua relação com a sexualidade.

A MATRIZ HETEROSSEXUAL

Judith Butler (2003), filósofa e teórica feminista, questiona a interpretação de base estruturalista da ação da cultura sobre a natureza, para nos mostrar que não existem realidades *a priori* que não sejam, elas mesmas, resultado de escolhas. As realidades constroem-se na cultura, na história e nas relações sociais, conformando a materialidade dos corpos. Desse ponto de vista, segundo Butler o sujeito é:

Constituído por posições e essas posições não são meros produtos teóricos, mas são princípios organizadores totalmente embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, aquelas matrizes de poder e discurso que me produzem como sendo viável. Com efeito, esse eu não seria um eu pensante e falante se não fosse pelas próprias posições a que me oponho, pois elas, as que sustentam que o sujeito deve ser dado de antemão, que sustentam que o discurso é um instrumento ou reflexão desse sujeito, já fazem parte do que me constitui. (BUTLER, 1998, p. 24).

4. Mais tarde, investigações constataram que a Alemanha Oriental conduziu, entre 1970 e 1980, um programa de doping sistemático tendo como maiores “cobaias” as mulheres, que, posteriormente, acabaram processando médicos e treinadores pelos efeitos desse processo em suas vidas (HAMMER, BIEHL, 2000).

A batalha conceitual da autora é pela possibilidade de pensarmos os corpos diferentemente, ou seja, seria preciso superar as normas da construção das categorias binárias, duais, para que pudéssemos compreendê-los sob outras perspectivas. É importante considerar os movimentos pelos quais uma norma corporal é adotada, e como o sujeito se forma em virtude de ter passado pelos processos de escolha de um sexo, por exemplo.

Para Butler (2003), o sexo faz a norma, pois é parte de uma prática regulatória (binária, dual) que produz os corpos que governa. E por que esses corpos são materializados sempre no modelo heterossexual? Para a autora, o processo de assumir um sexo está associado à questão da identificação e aos meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas escolhas, ou seja, o sexo e a heterossexualidade são derivativos: “Não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada.” (BUTLER, 2003, p. 117). O regime da heterossexualidade atua para circunscrever a materialidade do sexo e esta é formada e sustentada pelas normas regulatórias a – hegemonia heteronormativa.

Para Butler (1990) a relação conectada entre sexo, gênero, prática sexual e desejo é chamada de matriz heterossexual. Cada um de seus elementos é fundamental para a inteligibilidade do gênero:

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído, e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38).

Um ponto fundamental dessa matriz é que a sexualidade também é interpretada na aparência, no “corpo físico”. Insultar as mulheres que fogem ao padrão heteronormativo e estereotipar as atletas “não femininas” como lésbicas, por exemplo, mostra como o sexo é situado como gênero e como este se situa como sexualidade. Tais insultos expressam uma oposição às mulheres que não têm uma aparência de gênero “apropriada”. Além disso, a falta de feminilidade é presumida como um significante de lesbiandade.

Dentro desse quadro, heterossexualidade para o sexo feminino é entendida como expressa em uma *performance* de feminilidade. Assim, a promoção da feminilidade como única estética legítima, e a crítica e apagamento das mulheres não femininas, também têm o efeito de policiamento heterossexual nas expressões de gênero das mulheres. Tudo isso pode ser observado em seus corpos.

Conforme Butler (2003) explica, o conceito de gênero foi construído para se contrapor à categoria sexo, que era então compreendida como fixa nos corpos, e cujo determinismo *biologicista* justificava valorizar e tratar as mulheres de forma diferente dos homens. No entanto, essa estratégia e presunção levaram a uma *essencialização* das mulheres pelas feministas da segunda onda⁵ porque gênero foi criado como socialmente construído e assumiu-se que o sexo biológico era natural, construindo, dessa forma, uma dicotomia de gênero e sexo, pertencendo o primeiro à cultura, o segundo à natureza.

Os estudos feministas que surgem com o advento das biotecnologias retomam um debate que esteve presente entre as biólogas feministas nos anos de 1970, segundo o qual a própria categoria sexo não seria tão fixa, e, assim, surgem interrogações que sugerem a construção social do sexo (FAUSTO-STERLING, 2000; LAQUEUR, 1990). Elas têm mostrado que o sexo é tão generificado (socialmente construído) quanto o gênero.

CORPO NO ESPORTE

Alguns estudiosos, como Kolnes (1995) e Messner (1988), indicam que embora pareça inovadora a presença feminina no esporte e principalmente no esporte de alto nível, ela sofre grande interferência dos padrões sexuais de gênero (o princípio da organização heterossexual). Ao contrário do que possa parecer, a mulher atleta ainda se vê obrigada – para ter sucesso no esporte – a reproduzir, e por consequência, a se conformar, com as ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que refere às suas aparências. Os padrões do “belo sexo” continuam plenamente em vigor. Assim, as relações homem/mulher/esporte parecem permanecer imutáveis em alguns aspectos: as mulheres continuam sendo vistas não pelas suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente pelos seus quesitos imagéticos e “femininos” (beleza, charme etc.).

O público, apesar de aguardar por *performances* esportivas talentosas, rápidas (que exigem mais força e destreza), identificaria as mulheres que as obtêm como “não femininas”, forçando-as a realçarem seus aspectos *femininos* antes, durante e depois da competição, deixando de lado muitas vezes os tópicos esportivos propriamente ditos, frustrando e desanimando aquelas que não querem ou não

5. De 1960 até meados dos anos 1980, inicia-se uma fase que viria a acrescentar novos pontos de contestação aos direitos das mulheres, a segunda onda feminista. Ela se soma às lutas da primeira onda, que tinham como principal foco os direitos políticos, os debates em torno do fim da discriminação e a completa igualdade entre os sexos. Para acompanhar o desenvolvimento do Movimento Feminista, consultar Alves e Pitanguy (1991).

atingem os padrões de “feminilidade” exigidos pelo público e pela mídia (KOLNES, 1995)⁶. A brasileira do salto em distância Maurren Maggi é um bom exemplo de como a mídia se apropria de características femininas para se referir às atletas. As formas rijas e harmoniosas associadas a sua *performance* são exaltadas em imagens e discursos. Além disso, sua figura maternal é sempre mencionada.

Caster Semenya, meio-fundista sul-africana, obteve visibilidade mundial ao ter uma *performance* surpreendente no Mundial de Atletismo em Berlim (2009). A atleta causou grande impacto por causa de sua aparência fora dos padrões heteronormativos e por suas capacidades atléticas muito superiores. Inicialmente, a mídia levantou a possibilidade de que Semenya estivesse ingerido substâncias dopantes, mas logo, os questionamentos se voltaram para a questão do sexo e da sexualidade da atleta⁷. Semenya foi submetida ao teste⁸ de verificação de gênero para descobrir se ela realmente seria uma mulher.

Mais que ser mulher (genitália, cromossomos, órgãos sexuais), é preciso parecer ser heterossexual, um tema certamente de enfrentamento com a grande imprensa. Exemplo é uma entrevista de Caster Semenya para a revista *You*⁹, em cuja capa aparece performatizando “o” feminino: vestido, maquiagem, acessórios.

6. Alguns exemplos:

Maurren Maggi que já teve vaidade afetada por caso de doping posa com filha. 10/02/2012.

<http://extra.globo.com/famosos/retratos-da-bola/maurren-maggi-que-ja-teve-vaidade-afetada-por-caso-de-doping-positiva-com-filha-admite-se-eu-pudesse-treinar-com-maquilador-do-lado-3933074.html>, acesso em 25/06/2012. Filha Sophia é inspiração para Maurren Maggi no esporte. 16/04/2012.

<http://esportes.terra.com.br/dia-das-maes/noticias/0,,O15716437-EI20046,00-Filha+Sophia+e+inspiracao+p+ara+Maurren+Maggi+no+esporte.html>, acesso em 25/06/2012.

Maurren Maggi espera convencer filha de que o ouro é melhor que a prata. 23/08/2008.

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Pequim2008/Noticias/0,,MUL734183-16049,00.html>, acesso em 25/06/2008.

7. A mídia tratou de construir várias narrativas sobre Semenya, retratando-a ora como vítima, ora como objeto bizarro: “Campeã mundial pode perder medalha de ouro se exame provar que ela é ele”, “Caster Semenya é pseudo-hermafrodita”, “A história da mulher-homem já tem barbas – São várias as atletas femininas com traços masculinos, provocados por drogas ou pela mãe natureza”, “Relato de que Semenya seria ‘hermafrodita’ revolta o país”, “Família defende atleta com feminilidade sob suspeita”.

As reportagens foram extraídas, respectivamente, dos seguintes sites: <http://desporto.publico.pt/noticia.aspx?id=1400206>. 11/09/2009. Acesso em 17/07/2010.

<http://www1.ionline.pt/conteudo/19433-semenya-pensou-recusar-medalha-ouro>. 22/08/2009. Acesso em 17/07/2010.

<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,relato-de-que-semenya-seria-hermafrodita-revolta-pais,433293,0.htm>. 11/09/2009. Acesso em 28/03/2011.

<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,familia-defende-atleta-com-feminilidade-sob-suspeita,421920,0.htm>. 20/08/2009. Acesso em 28/03/2011.

8. Nome padrão inicialmente dado para os testes para comprovação do sexo - e não do gênero das atletas, como informa o próprio título da política. Em algumas federações e confederações existe uma equipe responsável pela Política de Verificação de Gênero (para casos de suspeita do sexo dos/as atletas), composta por ginecologista, endocrinologista, psicólogo e especialista em gênero e questões *transgender*.
9. Segundo o site da Revista *You* (<http://www.you.co.za/>, acesso em 02/06/2012), “YOU tem a receita vencedora para entreter, informar e intrigar com recursos atuais sobre os acontecimentos que tocam a vida das famílias das camadas médias da África do Sul. Como parte do cotidiano dos sul-africanos de língua inglesa, YOU é a revista mais vendida no país, com pouco mais de 2,1 milhões de leitores.” (tradução nossa). Ver também Silveira e Vaz (2014).

Tendo como base as discussões sobre a matriz heterossexual, feita por Judith Butler (2003), podemos observar que a feminilidade não é independente da sexualidade, principalmente em se tratando do contexto esportivo acima apresentado. Por isso, precisamos considerar que as mulheres que não se conformam com as expectativas da feminilidade convencional são temidas e mal tratadas. Mulheres dopadas masculinizadas e mulheres não dopadas que são também masculinizadas, são insultadas e criticadas de uma maneira semelhante àquelas estigmatizadas como lésbicas. A imprensa as descreve de uma forma que promove valores estéticos heterossexuais como naturais e como única forma de ser atraente.

Quem desenvolve músculos – o “peso insustentável” sugerido por Bordo (1993) – e força enfrenta o risco de virilização e masculinização. Podemos sugerir que essa preocupação com uma masculinização da mulher atleta visa um controle da heteronormatividade no esporte para que não se rompa a matriz heterossexual sexo-gênero-sexualidade e que se promova uma ordem no esporte que é clara e exclusivamente heterossexual.

Aquelas que desenvolvem músculos e força enfrentam o risco da virilização e da masculinização, entretanto essa preocupação com a *desfeminização* do sexo feminino parece que leva algumas atletas a reiterar a todo o momento que, de fato, independente do esporte que praticam, precisam manter a certa feminilidade heteronormativa. Isso pode ser bem observado nas roupas, acessórios e penteados utilizados para a prática esportiva, que estão relacionados a uma atratividade heterossexual, reiterando a perspectiva de que uma mulher, para manter-se como tal, não deve abrir mão de suas características “femininas”.

UMA NOTA FINAL

Não é pequena a visibilidade das mulheres no século vinte, muito maior e mais questionada, quanto ao gênero. Corpos fortes, musculosos e grandes parecem estereotipar atletas de alto rendimento.

Se a feminilidade não é coerente com a matriz heterossexual, e se essas mulheres deixam de ser claramente diferentes dos homens, a integridade nas categorias *homem* e *mulher* está perturbada, e aqueles que são chamados “os homens” ou “as mulheres” já não podem ter certeza do que é uma identidade estável. Mesmo mulheres convencionalmente femininas perturbam noções coerentes da heterossexualidade socialmente construídas quando transgridem os limites de *performance* masculina. Por isso a importância de uma *performance* de feminilidade para que não sejam as atletas vistas como lésbicas ou bissexuais.

A feminilidade não é independente da sexualidade (Butler, 2003). Como já foi assinalado, mulheres dopadas “masculinizadas” e não dopadas que também são “masculinizadas” são insultadas e criticadas de uma maneira semelhante àquelas estigmatizadas como lésbicas. O doping pode ser utilizado como um elemento para refletirmos sobre os possíveis efeitos colaterais que surgem no corpo das atletas e seus efeitos nos discursos sobre a feminilidade e a sexualidade dessas mulheres.

Uma compreensão mais positiva da aparência dessas mulheres masculinizadas (dopadas ou não) é diversificar o significado do feminino. Este desafio é tornar mais complexa a noção tradicional de feminilidade e abrir o leque de feminilidades possíveis, criticando também – é bom que não se esqueça – o espaço tradicionalmente reservado para a masculinidade.

Female Body in Sport: between Compulsory Heterosexuality and Lesbophobia

ABSTRACT: In this paper we study relations between doping and body and sexuality of women athletes. Doping/anti-doping is a subject of reflection because it identifies and relates itself to the production of women athletes with other kinds of femininity, fleeing the heterosexual pattern. By analyzing the discourses of media and sports mainstream we can see that doping has implications with shapes and appearances of some stigmatized and judged women, since not only are their sport performances that interest, but the affirmation/confirmation/repression if they are “in fact” women.

KEYWORDS: Body; Sport; Gender; Doping.

Cuerpo Femenino en el Deporte: entre Heterosexualidad Obligatoria y la Lesbofobia

En este artículo nos dedicamos a las relaciones entre doping y el cuerpo y la sexualidad de mujeres atletas. El doping/anti-doping es objeto de reflexión porque se identifica y se relaciona a la producción de atletas mujeres con otros tipos de feminidades que se ponen más allá del padrón heterosexual. El análisis de los discursos mediáticos y del campo deportivo nos muestran que el doping tiene implicaciones con formas y apariencias de algunas mujeres estigmatizadas y juzgadas por eso, una vez que no son solamente sus performances que interesan, sino la afirmación/confirmación/represión de que son, “de hecho”, mujeres.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo; Deporte; Género; Dopaje.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BLACK, T. Does the ban on drugs in sport improve societal welfare? *International Review for the Sociology of Sport*, Londres, v. 31, n. 4, p.367-381, 1996.

BLACK, T.; PAPE, A. The ban on drugs in sport: The solution or the problem. *Journal of Sport and Social Issues*, Londres, v.21, n. 1, p.83-92, 1997.

BORDO, S. *Unbearable weight: Feminism, Western culture, and the body*. Berkeley: University of California Press, 1993.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLASEN, P. The female athlete: Dualisms and paradox in practice. *Women and Language*, Michigan, v. 24, n. 2, p.36-41, 2001.

DAVIS, L.; DELANO, L. Fixing the boundaries of physical gender: Side effects of anti drugs campaigns in athletics, *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v.9, p.1-19, 1992.

FAUSTO-STERLING, A. *Cuerpos sexuados: La política del género y la construcción de la sexualidad*. Barcelona: Melusina, 2006.

HAMMER, J.; BIEHL, J. The Price of Glory. *Newsweek*, New York, v. CXXXV, n. 22, p. 19, 2000.

KOLNES, L. J. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. *International Review for the Sociology of Sport*, Londres, v. 30, n. 1, p. 61-77, mar. 1995.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1990.

LOUVEAU, C. *Sportives et dopage: le sport contre la féminilité?* In: LAURE, Patrick (Org.). *Dopage et société*. Paris: Ellipses, 2000.

MARQUES, M.; PEREIRA, H.; AQUINO NETO, F. Controle de dopagem de anabolizantes: o perfil esteroidal e suas regulações. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v.9, n.1, p.15-24, jan./fev. 2003.

MESSNER, M. Sports and male domination: the female athlete as contested ideological terrain. *Sociology of Sports Journal*, Champaign, v. 5, n. 3, p. 197-211, 1988.

_____. *Taking the field: Women, men, and sports*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

SILVEIRA, V.; VAZ, A. Doping e controle de feminilidade no esporte. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.42, jan./jun. 2014. No prelo.

SOTTAS, P.; ROBINSON, N.; MARTIAL, S.; OLIVIER, N. A forensic approach to the interpretation of blood doping markers. *Law, Probability and Risk*, Oxford, v.7, p. 191-210, 2008.

Recebido em: 7 abr. 2013

Aprovado em: 7 ago. 2013